

**NEOLOGISMOS MEMÉTICOS: UM OLHAR
SOBRE A SUA CONSTRUÇÃO À LUZ DA LFCU**

Ana Clara Nunes Brito (UESB)²⁸

clara_britto2@hotmail.com.br

Valéria Viana Sousa (UESB)

valeria.viana.sousa@uesb.edu.br

RESUMO

Temos registro de que, no século XIX, no *Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa* (1881), “neologismo” foi apresentado por Caldas Aulete, no primeiro tomo, como sendo sancionado pelo uso e pela necessidade do falante, o que configuraria o seu propósito; e, no segundo tomo, foi definido como uma palavra ou frase nova. Nos dicionários da atualidade, como em Ferreira (2009) e Houaiss; Villar (2001), essa referência ao termo se mantém e, também, é essa concepção que está presente na Gramática Tradicional, a exemplo de Cunha e Cintra (2016), que, ao apresentarem o assunto “neologismo”, restringem a sua discussão à formação de palavras com sufixo “-ismo”. Com o propósito de investigar a formação de “neologismos” formados a partir dos dias da semana, analisamos em *memes* selecionados da *internet* (*Google, Instagram, Facebook*), como tem sido a construção dessas palavras. Para a fundamentação teórica desta investigação, utilizamos a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e a Gramática de Construções (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Em nossa pesquisa, constatamos que os “neologismos” empregados a partir dos dias da semana são bastante produtivos na língua em uso, pois a construção dessas novas formas é realizada em vários dias da semana que são analogamente transformados em verbos e a eles são associados valores em conformidade com o que representam para a sociedade que os utiliza.

Palavras-chave:

Meme. Neologismo. Linguística Funcional Centrada no Uso.

ABSTRACT

We have records that in the 19th century, in the Contemporary Dictionary of the Portuguese Language (1881), the term “neologism” was introduced by Caldas Aulete in the first volume as being sanctioned by usage and the speaker’s necessity, which would define its purpose; and in the second volume, it was defined as a new word or phrase. In contemporary dictionaries such as Ferreira (2009) and Houaiss; Villar (2001), this reference to the term remains, and this is also the current conception in Traditional Grammar, as exemplified by Cunha and Cintra (2016), who limit their discussion of “neologism” to the formation of words with the suffix-ism. In order to investigate the formation of “neologisms” derived from the days of the week, we analyzed, selected internet memes (*Google, Instagram, Facebook*), how these words have been constructed. For the theoretical foundation of this research, we used Usage-

²⁸ Agradecemos a UESB pelo fomento da pesquisa. Este texto se trata de uma Comunicação efetivada em um evento acadêmico.

Based Linguistics and Construction Grammar (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). In our research, we found that “neologisms” derived from the days of the week are highly productive in the language in use, as the construction of these new forms occurs on various days of the week, which are analogously transformed into verbs, and they are associated with values in accordance with what they represent for the society that uses them.

Keywords:

Meme. Neologism. Usage-Based Linguistics.

1. Introdução

A presente pesquisa trata do fenômeno linguístico “neologismo”. Interessamo-nos em analisar os neologismos contidos em memes por meio do aporte teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) baseada, entre outras teorias, no Funcionalismo Norte-Americano e na Gramática de Construções.

Os neologismos contidos nos *memes* aproximam-se do corpo discente, visto que esse gênero textual é bastante dinâmico e permeia o espaço no qual os alunos estão muito conectados: a *internet*. É possível, a partir do contato com memes, perceber questões políticas, culturais, econômicas etc., em se tratando dos acontecimentos suscitados ao redor do observador, o qual consegue compreender o *meme* por conta do seu conhecimento de mundo.

A “neologia memética” possui caráter maleável – logo rico –, dinâmico – o que contribui bastante em uma sala de aula e deve ser levado em consideração para que o trabalho nesse espaço não seja engessado nem mecânico – e atual – presente na “bolha” em que os discentes da educação básica se encontram, logo possível de ser tomado como auxiliar capaz de chamar mais a atenção do educando.

Partindo do princípio de que a língua é emergente, como postula a Linguística Funcional, que, baseada nas premissas de Givón (1995 *apud* DA CUNHA *et al.*, 2003, p. 28), caracteriza, entre outras afirmações, a linguagem como uma atividade sociocultural; a mudança e variação como inerentes à língua; a língua como estrutura maleável e não rígida e as gramáticas como emergentes, temos a expectativa de que esta pesquisa se frutifique em campo, servindo, quiçá, a outras pesquisas e sendo levada ao espaço escolar.

Com o propósito de desenvolver essa argumentação, além desta Introdução, o texto está organizado com (i) a Fundamentação Teórica,

seção na qual expomos a teoria suporte desta pesquisa, a Linguística Funcional Centrada no Uso, bem como os elementos dessa teoria que serão necessários a análise dos dados; (ii) a Metodologia, seção na qual trazemos o tipo de pesquisa e o *corpus* utilizado; (iii) a Análise, seção na qual apresentamos os dados, realizando diálogo com o aporte teórico; e por fim (iv) as Considerações Finais, seguidas das (v) Referências Bibliográficas.

2. Fundamentação teórica

A teoria escolhida para embasar esta pesquisa foi a Linguística Funcional Centrada no Uso ancorada: no Funcionalismo Clássico, que defende a emergência da língua e trabalha com as frequências de uso dos falantes; na Gramática de Construção, a qual apresenta a forma e o sentido do objeto em questão; e na Linguística Cognitiva, que irá trabalhar, por exemplo, com fatores de analogia e reanálise. A fim de discutir elementos da teoria, como a esquematicidade, a produtividade e a composicionalidade, traremos para o diálogo alguns teóricos, a exemplo de Croft, Lakoff, Ivo da Costa do Rosário e Mariangela Rios de Oliveira.

Na Gramática de Construções, são analisadas as construções desde os morfemas até todo o texto. Nessa abordagem teórica, toda construção pode ser uniformizada, organizada em rede, pois a língua é um sistema no qual as suas unidades – os seus “nós” – encontram-se interconectadas. Essas ideias são defendidas pelos estudiosos Goldberg (1995); Langacker (1987) e Lakoff (1987). A Gramática de Construções defende que a gramática é holística, isto é, nela nenhum aspecto é autônomo, pois eles se relacionam entre si. A Gramática de Construções entende, ainda, a gramática como uma representação cognitiva da experiência dos indivíduos com a língua, podendo, desse modo, ser modificada a depender da situação de uso e do contexto em que o indivíduo está inserindo a sua fala em seu discurso.

Em um outro viés, a Linguística Funcional Clássica foi projetada a partir da década de 1970 nos Estados Unidos e se dedica, por exemplo, à análise da língua a respeito tanto do contexto linguístico, como também da situação extralinguística; ao estudo do discurso e da gramática – a qual é vista, nessa teoria, como uma estrutura mutável/ adaptável por conta das alternâncias do discurso -, e ao processo de gramaticalização. Dessarte, do casamento teórico entre a Gramática de Construções e a Linguística Funcional Clássica nasceu a Linguística Funcional Centrada

no Uso (LFCU). Em se tratando dos constructos da LFCU, Pinheiro (2016) assinala que “(...) a possibilidade de abrigar usos inteiramente regulares no constructicon revela um fato interessante sobre a GCBU [Gramática de Construções Baseada no Uso]: refletindo o legado da Linguística Cognitiva (e em particular, o compromisso cognitivo de Lakoff (1991)), o compromisso do modelo é com a realidade psicológica – e não com a parcimônia descritiva.

Nesse ponto, a GCBU se coloca em franca oposição às vertentes formalistas da GC, que se guiam pela busca de descrições maximamente econômicas” (PINHEIRO, 2016, p. 13). Ademais, fica claro que o compromisso da Linguística Funcional Centrada no Uso é o de descrever o que realmente existe na mente do falante, incluindo as redundâncias presentes nas representações e compreender que ela busca explicar a estrutura gramatical a partir de processos cognitivos gerais, tomando a categorização como um dos responsáveis pela aquisição da linguagem e se comprometendo com a realidade psicológica do falante.

Nessa senda, a Linguística Funcional Centrada no Uso se debruça em alguns fatores de análise: a esquematicidade; a produtividade e a composicionalidade. A esquematicidade é caracterizada por sua propriedade de categorização que leva em conta, principalmente a abstração. Outrossim, nela atuam os mecanismos de analogização – a qual funciona do mais abstrato para o mais concreto/preenchido –, e de neanálise – de movimento contrário ao da anterior e onde, por vezes, acontece o “chunking”. Um exemplo desse fator de análise é a forma “só que X” que, na estrutura contida por esquemas, subesquemas, microconstruções e constructos – forma a qual se encontra em uso pelos falantes da língua –, se encerraria a partir dos achados do pesquisador em frases como “só que não”; “só que sim”; “só que never”, ou ainda, no mais abstrato que seria o esquema (“só que X”). É importante frisar que estruturas como essa do esquema são estruturas semiabertas e estruturas como, por exemplo, “chutar o balde” são estruturas fechadas/(totalmente) preenchidas, pois são expressões idiomáticas as quais não se alteram.

A produtividade é um fator que está relacionado à frequência. Nesse fator de análise, um subesquema é considerado bastante produtivo a partir do momento em que certifica uma grande quantidade de padrões microconstrucionais. Por outro lado, o fator de análise de composicionalidade está relacionado ao nível de nitidez entre forma e significado e é entendido por “match” – o qual surge quando o falante produz uma sequência sintática e o interlocutor entende o significado de toda a sentença

compreendendo cada item que a compõe - ou “mismatch” – o qual ocorre quando não há o entendimento de ambas as partes dadas as sentenças, nem do significado particular de cada signo, nem do significado do todo sintático, ou seja, a interlocução sai prejudicada - em se tratando dos aspectos da forma e do significado em questão. Além disso, existe uma diferenciação entre + (*mais*) *composicional*, quando é possível separar cada parte da sentença e, ainda assim, entender o todo, e – (*menos*) *composicional*, quando não é necessário separar todas as partes da sentença, por motivo de compreensão do enunciado, pois separando ele, aqui, não seria possível depreendê-lo.

Concludentemente, entre o Funcionalismo e a Gramática de Construções há, também, algumas outras convergências como: a rejeição da autonomia sintática, pois considera-se a sintaxe como não sendo o centro – o que ocorre no Gerativismo –; a pesquisa, a qual sempre é baseada no uso – o qual afeta diretamente a gramática –; e o fato de que existe uma estrutura que surgiu no uso e que passa a ser rotinizada e, dessa maneira, emerge-se. Assim, percebemos como fora possível realizar esse casamento entre essas duas teorias (a Gramática de Construções e a Linguística Funcional Clássica) e fazer nascer a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), a qual vê a língua como um todo organizado, posta em uma relação de hierarquia e de interconexões centradas no uso dos sujeitos de linguagem, falantes de uma Nação.

3. Materiais e métodos

Este trabalho, de natureza qualitativa, tem como objeto de pesquisa o uso de neologismos em memes, os quais compõem o *corpus* desta pesquisa. Para o desenvolvimento do estudo, foram selecionados cerca de 60 (sessenta) memes durante os anos de 2021, 2022 e 2023.

Para além da constituição do *corpus* de análise, informamos que, para a composição da revisão de literatura, realizamos uma busca, no mês de abril de 2023, por meio do Google Acadêmico, usando como palavras-chave neologismo “funcionalismo”, e localizamos 4 (quatro) pesquisas. Destes trabalhos, escolhemos com mais precisão, filtrando os textos por meio do critério teórico, os textos *Lexicalização e Neologismo: análise funcional em corpus digital*, de Adílio Junior de Souza, uma dissertação de mestrado, defendida em 2015, apoiada na teoria da Linguística Centrada no Uso, e o texto “Estudo diacrônico da formação e da mudança semântica dos sufixos eiro/eira na Língua Portuguesa”, de Mário

Eduardo Viaro, um artigo, publicado em 2007, ancorado no Funcionalismo Linguístico.

Dito isso, esclarecemos que, em suma, esta pesquisa consistiu em: a) estudo bibliográfico sobre o objeto, neologismo, em dicionários e em estudo lexicográfico, na Tradição Gramatical e em abordagens linguísticas; b) composição do *corpus* com cerca de 60 (sessenta) memes retirados da internet (ex.: *Google, Instagram, Twitter, Facebook*) durante os anos de 2021, 2022 e 2023, tendo como busca neologismos formados por dias da semana; e por fim, c) análise dos dados coletados.

3.1. Memes

O primeiro escritor a usar o termo *meme* foi o cientista britânico Richard Dawkins que em seu escrito “O gene egoísta” (Cf. DAWKINS, 1976) – no qual ele faz uma analogia entre a replicação cultural e a genética –, se referiu à palavra grega μιμημα (“mimema”, semelhante e a mimese) que significa “imitação”. A partir daí, por aférese, a palavra do Inglês tornou-se *meme* no português. Desse modo, vemos que o termo ainda que, aparentemente, atual, veio à tona há cerca de quase 5 (cinco) décadas, por meio do cientista Dawkins.

Como assevera Silveira (2019),

Dawkins criou um conceito para a difusão de ideias por material “memético”, ou seja, por imitação e por replicação constante de si mesmas. Para ele, ideias mais adequadas ao momento e às condições tenderiam a se disseminar, a se expandir e a se reproduzir em grande escala, ao mesmo tempo em que outras ideias seriam abandonadas e desapareceriam. (SILVEIRA 2019, p. 80)

Logo, o *meme*, sob o olhar de Dawkins, era considerado como o “gene” cultural, que se disseminava e perpetuava, sendo assim, determinante das características físicas de um organismo. Hodiernamente, os *memes* são bastante encontrados nas redes sociais e são utilizados como ferramentas de propagação de humor, crítica social etc., a partir de determinado contexto, de determinada época. É válido destacar que existe um fio narrativo nos *memes* entre os textos escritos e os não escritos (as imagens), e isso produz significado, sentido e interpretações a partir de determinada perspectiva.

Em consonância com Silva (2012), trazemos a definição de *memes*:

[...] são todo tipo de ideia que se propaga rapidamente, geralmente manifestado por expressões; desenhos padronizados (...) que, dentro de algum

contexto, abruptamente se tornaram populares na internet e ganharam valores simbólicos para representar alguma situação ou sentimento, de modo lúdico. Há diversos deles, cada um com seu valor e função. (SILVA 2012, p. 131)

Desse modo, a partir do contato com esses *memes*, os sujeitos podem ser capazes de obter uma interpretação textual mais aguçada, visto que esse modelo se aproxima de sua realidade e chama a sua atenção pela caracterização estética que ele possui. Nessa mesma linha, é possível notar uma possível ampliação lexical a partir desse contato com os *memes* nas redes sociais, visto que

[...] ele se espalha horizontalmente como um vírus a uma velocidade rápida e acelerada. Pode ser interativo (como um jogo) e algumas pessoas as relacionam com criatividade. [...] Podem ser fabricados (como no caso do marketing viral) ou emergir (como um evento off-line feito on-line). Seu objetivo é ser conhecido o suficiente para replicar-se dentro de um grupo. (CASTANO DÍAZ, 2013 *apud* JESUS, 2020)

Com isso, levando em consideração que cada *meme* pode trazer um léxico novo ao leitor por conta de sua variedade linguística e da capacidade que tem de caracterização de novas palavras, propomo-nos a realizar este estudo, associando os *memes*, presentes nas redes sociais, que contêm, em seus textos verbais, formações com neologismos que contenham dias da semana. Com essa interface, denominaremos essa proposta como “neologismo memético”.

4. *Análise*

Tomando como referência a Linguística Funcional Centrada no Uso, que é amparada na língua em efetivo uso, e na metodologia exposta de trabalhar com *memes*, vamos observar cerca de 60 (sessenta) *memes* e analisá-los. A seleção de *memes* para a composição do *corpus* deste trabalho foi feita a partir de redes sociais, presentes no *ciberespaço*. A partir da seleção dos *memes* compostos por neologismos como *domingou*, propomos uma discussão sobre o léxico e o uso do(s) falante(s), visto que a busca dos *memes* foi feita a partir da percepção de que tais *memes* estão presentes na língua em uso.

O neologismo *domingou* é considerado, de acordo com Jesus (2020), como um neologismo sintático formado por derivação sufixal, isto é, “o sufixo, unido a uma base, atribui-lhe uma ideia acessória e pode alterar sua classe gramatical” (JESUS, 2020, p. 60). Desse modo, o substantivo *domingo* passa a ser verbo quando transformado, por derivação

sufixal, em *domingou*. Tendo isso em vista, sob a ótica de que a língua é maleável, dinâmica, homogênea, o termo *domingou* passa a ser visto como neologismo, a partir do momento em que, por conta do contexto de fala e das necessidades de comunicação do sujeito, o substantivo que passou a ser verbo tomou lugar na língua do falante, o qual, em seu contexto social, começou a relacionar o termo a outras questões como podemos ver nas imagens (*memes*) a seguir, selecionadas para confeccionar o *corpus* da pesquisa:

Figura 1: *Meme sextou/sabadou/domingou*.



Fonte: Domínio público.

Figura 2: *Meme Sextou e domingou*.



Fonte: Domínio público.

À guisa de análise, podemos afirmar que, por convenção, *domingou* se tornou neologismo, pois, como afirma Silveira (2018), "(...) a popularização dos *memes* nas redes sociais, principalmente entre os jovens, pode ser creditada, primordialmente, à facilidade de criação, já que existem sites em que qualquer pessoa pode criar um *meme*" (SILVEIRA, 2018, p. 82), e, pelo fato de *domingou* ter passado pelo processo de derivação sufixal, transformando-se em um novo léxico, ele é, assim, denominado neologismo. Esse neologismo presente em um *meme* é denominado por nós como "neologia memética". Essa gama de novas palavras que vemos surgindo a todo momento, inclusive na *web*, na *internet* – local destaque de *memes* – ocorre, porque a língua em uso nos dá possibilidades diversas para isso.

Diante dessa afirmativa, podemos esperar que apareçam vários signos de vários sentidos diferentes, como, por exemplo, *memes* e neologismos, palavras novas que "convencionadas" podem estar se tratando de uma neologia memética. Até chegar no *domingou*, convencionou-se, também, o *sextou*, o *segundou*, o *terçou* etc. Todos considerados neologismos por derivação sufixal e considerados, também, - (menos) composicionais, visto que os informantes já os compreendem não mais como substantivos, mas como verbos, pois, ao substantivo, foi agregado o mor-

Nesse esquema, o *slot* X pode ser preenchido por substantivos que fazem referência aos dias da semana (SDS) mais *slot* Y, que será preenchido por um morfema verbal.

A construção parece ter a sua origem a partir do dia de sexta feira, pois os falantes começaram a colocar essa base do dia da semana primeiramente no dia de sexta feira e, a partir do momento em que esse dia da semana se transforma em verbo, passa a agregar a ele os valores daquele dia. Sextar, por exemplo, significa dizer que se encerrou o trabalho e a correria da semana, e, no fim do expediente de sexta feira, o (a) trabalhador (a) poderá sair para o lazer.

Por analogia, outros dias da semana começaram a ser realizados e utilizados, também, carregando a mesma estrutura, cada dia, assim, representando um sentido referente ao próprio sentido do dia da semana em questão.

Ademais, com relação a homologação pelos interlocutores das estruturas analisadas neste trabalho, verificamos que tem acontecido essa aceitação e propagação. A título de argumento, constatamos que tais estruturas vêm sendo trazidas e rotinizadas até em músicas, gênero textual que exige de um público uma maior e rápida compreensão do que está sendo falado. A música *Sextou* cantada por *Wesley Safadão* faz bastante sucesso desde o ano de seu lançamento (2015). Nela, há o trecho “Sextou, sextou hoje ninguém me acha/ E o celular descarregou/ Sextou, sextou só chego de manhã/ Agarrado com um novo amor”, que denota bem o sentido construído pelos falantes sobre o dia de sexta-feira, conforme mencionamos anteriormente. Em contrapartida, na música “Domingou”, cantada por Gilberto Gil, transparece o dia de domingo, como aquele dia mais solitário, melancólico e tedioso, como se pode observar no trecho a seguir: “São três horas da tarde, é domingo/ Vamos dar um passeio também - ê, ê/ O bondinho viaja tão lento - ê, ê/ Olha o tempo passando, olha o tempo - ê, ê/ É domingo, outra vez domingo, meu amor”. Ainda que, na letra da música, apareça a ideia de um passeio, de um amor, outras passagens denotam a melancolia desse dia da semana como “o bondinho viaja tão lento” e a própria melodia da canção também, que pode ser comparada com a música “Minha Alma”, de O Rappa, na qual, não aparece o neologismo *domingou*, porém, na canção, o dia de domingo está representado quando se solicita: “Me abraçe e me dê um beijo/ Faça um filho comigo/ Mas não me deixe sentar na poltrona/ No dia de domingo (domingo!)” caracterizando o domingo, de fato, como um dia triste, mais tranquilo.

Algumas outras músicas, até mesmo com a estrutura *segundo*, *terçou* e *sabadou*, foram encontradas durante a pesquisa, porém as mencionadas foram as escolhidas para a análise.

Esses neologismos motivados apareceram, também, e com muita incidência, em uma página da rede social *Instagram*. O user *@omusojoao* posta diariamente *memes* com todos os neologismos de dias da semana. Isso nos mostra, mais uma vez, que as estruturas neologismo meméticos *dias da semana* estão cada vez mais homologados, cada vez mais sendo usadas pelos falantes, sendo assim percebemos como são capazes de existir e de significarem diferentes sentidos, a partir da fala, do uso, pois se há comunicação, se os falantes conseguem se entender ao usarem essas construções, essas estruturas podemos e devem ocorrer, comprovando a maleabilidade e a riqueza linguística.

Assim como vimos nas pesquisas feitas a partir dos dicionários escolhidos para dar embasamento a este trabalho, percebemos, também, na pesquisa feita no texto “Estudo diacrônico da formação e da mudança semântica dos sufixos *eiro/eira* na língua portuguesa”, de Mário Eduardo Viaro, no pressuposto (1). Esse pressuposto afirma que os fenômenos de língua não nasceram no momento atual, a partir disso notamos que há uma comparação importante a ser percebida. Desde muito antes, como vimos nos dicionários, os neologismos já existiam e já vinham sendo caracterizados pelos estudiosos, lexicógrafos e afins – o que nos mostra que há uma certa regularidade na língua, ainda que ela seja maleável e que provenha de uma gramática emergente sujeita a modificações –, e o trabalho de Viaro (2007) também afirma que os fenômenos linguísticos não surgiram atualmente. Os neologismos, fenômenos linguísticos, existem há tempos na língua em uso e, a cada vez mais, são (re)novados pelos sujeitos de linguagem, pois eles têm necessidade de uma fala mais expressiva em sua(s) (inter)comunicação(ões).

Ao comparar os pressupostos sugeridos Viaro (2007), percebemos muitas semelhanças com a estrutura a qual estudamos, visto que é um neologismo e, assim, se encaixa, por exemplo nos pressupostos 5, 6 e 7: Pressuposto (5): Toda derivação foi, inicialmente, uma novidade e, como tal, não foi sentida imediatamente como um fenômeno de língua, mas uma modificação estilística de um fenômeno de língua. Pressuposto (6): A derivação supõe um elemento mais antigo (antecedente) e outro mais recente (neologismo). Enquanto a derivação é novidade (e, em algumas vezes, mesmo depois que não é mais), há certa consciência de derivação da parte do falante, por causa da base, que permite associações com o an-

tecedente, acessível apenas por reconstrução. Pressuposto (7): Ao aumentar a frequência de uso de um neologismo, isto é, ao ser empregado em muitas situações discursivas, deixa de ser considerado novidade e passa para o inventário comum da língua.

O neologismo *sextou* foi uma novidade realizada e percebida pelos falantes, e daí, derivou o *sabadou*, o *domingou*, o *segundou* etc., a partir da base do dia da semana + o morfema *ou* que permite associações e essas associações, ao entrarem na frequência de uso dos falantes, deixam de ser novidade e passam a ser vocábulos comuns na língua, internalizados pelos sujeitos e, assim, podem permanecer e com elas acontecer novas construções gramaticais a exemplo de *sextou* > *vou sextar*, no qual o verbo autônomo passa a ser realizado como uma expressão perifrástica, formando o cline de gramaticalização originado do substantivo: verbo autônomo > expressão perifrástica.

5. Considerações finais

Buscamos apresentar neologismo desde os estudos lexicográficos até as abordagens contemporâneas, a fim de caracterizá-lo e analisá-lo a partir dos dados os quais encontramos em redes sociais. Ao propor um trabalho com neologismos em memes, denominamos o nosso fenômeno como neologismo memético.

Em nossa pesquisa, constatamos que os neologismos empregados a partir dos dias da semana são bastante produtivos na língua em uso, pois a construção dessas novas formas é realizada em vários dias da semana que são analogamente transformados em verbos e a eles são associados valores em conformidade com o que representam para a sociedade que os utiliza.

Esta pesquisa não se esgota. Há muito o que ser estudado e pesquisado sobre o tema, pois, como defendemos, a língua é rica, maleável, logo, o neologismo memético também o é e, por necessidades expressivas de comunicação, os sujeitos de linguagem estarão sempre criando novas palavras e/ou expressões, corroborando com a variabilidade linguística na cultura de um povo, enriquecendo-a e enriquecendo-os, também.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Delta, 1881.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7. ed. de acordo com a nova ortografia. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016.

DA CUNHA, M. A. F.; DE OLIVEIRA, M. R. *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 4. ed. Curitiba: Positivo; 2009.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JESUS, A. M. R. Neologia em português brasileiro: o que dizem os memes. In: ALVES, I.M. *et al.* (Orgs). *Os estudos lexicais em diferentes perspectivas*. Vol. IX. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. 2020 (no prelo).

JESUS, A. M. R. *Tipologias dos neologismos: breve percurso histórico*. [S.l.; s.n.], 2020.

PINHEIRO, Diogo. *Um modelo gramatical para a linguística funcional-cognitiva: da Gramática de Construções para a Gramática de Construções Baseada no Uso*. Linguística Cognitiva: dos bastidores da cognição à linguagem. Campos: Brasil Multicultural, p. 20-40, 2016.

ROSÁRIO, I.; OLIVEIRA, M. Funcionalismo e Abordagem Construcional da Gramática. *Alfa*, v. 60, n. 2, p. 233-59, São Paulo, 2016.

SHIFMAN, L. *Memes in Digital Culture*. Massachusetts: The MIT Press, 2014.

SILVA, G. L. Arte e a cultura dos memes. *Revista eletrônica labore polêmica*, v. 11, n. 1, p. 130-34, Rio de Janeiro, 2012.

SILVEIRA, L. P. Memes: a ostentação de neologismos e uma ferramenta de ensino. *GTLex*, v. 4, n. 1, Uberlândia, jul./dez. 2018. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Memes%3A+a+ostenta%C3%A7%C3%A3o+de+neologismos+e+uma+ferramenta+de+ensino.+&btnG=. Acesso em: 28 jul. 2023.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Grame. *Construcionalização e mudanças construcionais*. Trad. de Taísa Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis-RJ: Vozes, 2021.

VIARO, Mário Eduardo. Estudo diacrônico da formação e da mudança semântica dos sufixos-eiro/-eira na língua portuguesa. In. MASSINI-CAGLIARI, G. *et al.* (Orgs). *Trilhas de Matoso Câmara e outras trilhas: fonologia, morfologia, sintaxe*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007.